

A AMEAÇA EM APOCALIPSE 22.18,19: PERFORMANCE E INTERPRETAÇÃO

THE THREAT IN REVELATION 22:18,19: PERFORMANCE AND INTERPRETATION

César Motta Rios¹

Resumo: O livro do Apocalipse nos permite saber de seus destinatários iniciais e sobre a forma de recepção inicial. Esses dados parecem importantes para a interpretação de alguns trechos do livro. A presente nota discute uma interpretação de Apocalipse 22.18,19 que leva em conta justamente esses elementos. Não se trata de uma defesa da interpretação proposta, mas de um exercício de leitura que, por meio de atenção à fonte primária e em diálogo com fontes secundárias, mostra-se proveitoso por ensejar o diálogo e a consideração atenta de uma possibilidade esquecida.

Palavras-chave: Apocalipse. Interpretação. Recepção. Performance.

Abstract: The Book of Revelation allows us to know about its recipients and about the way it was initially received as well. This information seems to be important to the interpretation of parts of the book. The present note

¹ Bacharel em Teologia (ULBRA, 2018) e Especialista em Teologia e Ministério Pastoral (ULBRA, 2020). Licenciado em Letras – Espanhol (UFMG, 2003), Bacharel em Letras – Grego (UFMG, 2005), Mestre em Estudos Clássicos (UFMG, 2009) e Doutor em Literaturas Clássicas e Medievais (UFMG, 2013). Realizou pós-doutorado na área de Filosofia Antiga (UFMG, 2014). Pastor da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), Tijuca, RJ.

discusses an interpretation of Revelation 22:18,19, considering precisely this information. It is not a defense of the proposed interpretation, but a reading exercise, which, with attention to the primary source and in dialogue with secondary sources, reveals itself useful since it allows the dialogue and the consideration of a forgotten possibility.

Keywords: *Revelation. Interpretation. Reception. Performance.*

INTRODUÇÃO

Este breve artigo apresenta um exercício de interpretação e de avaliação de uma leitura que se quer possível, mas que precisa ser testada e colocada para discussão. Trata-se da exposição de uma hipótese, uma exposição crítica, ou melhor, autocrítica, na qual vantagens e fragilidades são consideradas. O resultado desse exercício não será necessariamente o convencimento do leitor (ou do próprio autor) quanto à pertinência de uma nova interpretação, embora isso possa também acontecer. Bastam a experiência da leitura e a consideração de possibilidades. O percurso já se justifica pela viabilização de maior conhecimento do texto e da questão, bem como por possíveis desdobramentos posteriores.

Inicialmente, apresento um aspecto do Apocalipse que será importante para a reflexão, a saber, sua forma de comunicação inicial. Ao mesmo tempo, introduzo o trecho específico em discussão aqui. Em seguida, aproximando-me um pouco mais dos detalhes, aponto para o aspecto intertextual da construção do texto, e procuro indicar interpretações comuns para essa passagem. Com vistas à concisão, nesse passo, dependo de um comentarista relativamente recente que faz uma organização do que é proposto por diferentes intérpretes anteriores, sem envolver-me numa discussão sobre detalhes da argumentação de cada um deles. Além disso, dedico atenção especial a dois intérpretes luteranos, por terem suas propostas certamente mais difundidas entre meus leitores. Por fim, apresento uma interpretação alternativa, tentando demonstrar sua pertinência, sem desconsiderar percalços e ressalvas. Na conclusão, avalio o proveito do percurso, e registro meu posicionamento a partir da pesquisa realizada.

O TEXTO E SUA RECEPÇÃO INICIAL

O Apocalipse é um discurso para ser recebido por comunidades. O endereçamento (Ap 1.4) e as mensagens específicas às sete igrejas (Ap 2 e 3) constituem um claro indício disso. Não restringem os destinatários pretendidos de modo absoluto. Mas revelam como é marcadamente comunitário o contexto inicial de recepção, no qual estão incluídos indivíduos que são exortados individualmente para que seja, cada um, o vencedor que persevera e não deserta da comunhão com Cristo. O texto fala à comunidade e a cada pessoa que a constitui. Além disso, as sete mensagens refletem a complexidade do público destinatário objetivado pelo livro, a qual se faz ainda maior na medida em que se amplia seu alcance geográfico e temporal.

Cada comunidade que recebe o texto escrito do Apocalipse e se envolve com seu enredo é uma congregação de fiéis, na qual uma pessoa lê e as demais escutam atentamente. Leitor e ouvintes nos diferentes lugares se dão conta de estarem inseridos na iminência do desenrolar escatológico. Bem no início do livro, lemos: “Bem-aventurado aquele que lê e os que escutam (ὁ ἀναγινώσκων καὶ οἱ ἀκούοντες) as palavras da profecia, e que guardam as coisas escritas nela, pois o momento está perto” (Ap 1.3). O fato de que há um (1) leitor e uma pluralidade de ouvintes é significativo, e não deve ser desconsiderado. O texto mesmo revela que espera ser transmitido dessa forma específica, isto é, na leitura pública, litúrgica, no âmbito de uma comunidade de leitor e ouvintes reunidos. Trata-se de algo óbvio, mas que se torna menos imediatamente reconhecível na medida em que temos cada vez mais acesso ao texto escrito, antes na forma de livros e, agora, por suporte digital.

Naquele mundo já tão distante de nós, só o leitor tinha o texto manuscrito em suas mãos. Os muitos ouvintes dependiam da voz do leitor para receberem, pelos ouvidos, o discurso tão ímpar que se reuniam para ouvir. Para nos ajudar a visualizar essa realidade diferente, o diálogo litúrgico final (Ap 22.16-21) coloca definitivamente diante de nós essa comunidade em *performance*. Falas intercaladas nos levam à cena da leitura, possibilitando-nos considerar o lugar dos ouvintes, que, após muito tempo em silêncio, participam ativamente no trecho derradeiro.²

2 Uma estruturação do diálogo é apresentada por VANNI, 1984, p.192. Outra configuração em RIOS, 2019, p.438-439.

É justamente nesse encerramento da leitura pública que encontramos a ameaça a ser discutida na presente nota:

Eu testemunho a todo que ouve as palavras da profecia deste livro: Caso alguém acrescente sobre elas, Deus acrescentará sobre ele as pragas escritas neste livro. E caso alguém retire das palavras do livro desta profecia, Deus retirará sua parte da árvore da vida e da cidade santa, as quais estão escritas neste livro (Ap 22.18,19).³

Entendo como imprescindível para a compreensão dessas palavras uma consideração da referida performance de leitura entrevista no texto. Mas esse aspecto da recepção do discurso costuma ser desconsiderado ou negligenciado no tratamento do trecho.

ATENÇÃO À INTERTEXTUALIDADE E OS DOIS TIPOS DE INTERPRETAÇÕES COMUNS

Convém, de início, dar atenção ao trabalho de Gregory Beale, que considera relações entre o Apocalipse e o Antigo Testamento. Ele enfatiza a relação dessas palavras de Apocalipse 22.18-19 com Deuterônômio 4.1-2 e 12.32, textos que asseveram contra acréscimos e supressões naquilo que Deus ordena:

E agora, Israel, ouve os estatutos e os juízos que eu estou ensinando a vós, para praticarem, de modo que possais viver. Ide e possuí a terra que o SENHOR, Deus dos vossos pais, vos está dando. Não acrescenteis à palavra (רַבְּרָה לֵעַ) que eu estou ordenando a vós, e não diminuais dela, para guardardes os mandamentos do Senhor, vosso Deus, que eu estou ordenando a vós (Dt 4.1,2).

Toda palavra (רַבְּרָה לְךָ) que eu vos estou ordenando, vós a guardareis para praticardes; não acrescentareis sobre ela, e não diminuireis dela (Dt 12.32).

Nos dois textos, o que está em questão é a manutenção dos mandamentos conforme dados por Deus para a prática de todos eles. Não se pode

3 Esta e todas as demais traduções citadas neste artigo, sejam de textos antigos ou mais contemporâneos, são de minha responsabilidade.

acrescentar ou retirar nada, de modo que a prática não se veja também prejudicada.

Além disso, Beale acrescenta Deuteronômio 29.19-20, que expressa a condenação contra quem pensar que pode viver em paz mesmo sendo negligente para com os mandamentos. Convém ler desde o versículo anterior:

Que não haja no meio de vós um homem, ou uma mulher, ou uma família, ou uma tribo, cujo coração se desvie hoje de junto do SENHOR, nosso Deus, para ir servir os deuses daqueles povos. Não haja no meio de vós uma raiz que produza erva venenosa e absinto. E não aconteça de, ao ouvir as palavras desta maldição, abençoe a si mesmo em seu coração dizendo: “Terei paz, porque caminharei segundo as convicções do meu coração.”, de tal modo a destruir o encharcado com o sedento.

O SENHOR não consentirá em poupá-lo, porque, então, fumegará a ira do SENHOR e o seu zelo contra aquele homem. E recairá sobre ele toda a maldição escrita neste livro. E o SENHOR apagará o nome dele de debaixo do céu (Dt 29.18-20).

Não aparece aqui explicitamente a ação de acrescentar e retirar, mas uma negligência deliberada que se realiza pela substituição dos mandamentos pelo próprio coração como parâmetro para a vida. Há uma dupla ação punitiva de Deus: recairá sobre tal pessoa toda maldição, e seu nome será apagado de debaixo do céu. No Apocalipse, como visto, temos as pragas escritas no livro sendo acrescentadas à vida da pessoa, e o acesso à árvore da vida e à cidade santa sendo retirado.⁴ Apesar da semelhança, faço notar que o Apocalipse traz uma simetria importante estilisticamente: acrescenta-se algo a quem acrescentar algo, e retira-se algo de quem retirar algo. Há uma peculiaridade.

Ainda assim, temos, de fato, os dois elementos presentes na ameaça de Apocalipse 22.18,19 nesses textos da Torah assim conjugados: a exortação à manutenção da integridade do ensinado e a ameaça com a maldição

4 Lembro que a árvore da vida e a cidade santa aparecem numa mesma visão ao final do Apocalipse. No fim das contas, essa exclusão que parece dupla é uma só. É bom observar, também, que as pessoas não tinham de partida esse direito a acessarem a árvore da vida. Não se trata de algo que lhes fosse próprio, mas atribuído ao lavarem suas vestes no sangue do Cordeiro (Ap 22.14, 7.14; Cf. RIOS, 2020).

contida no próprio livro. Beale conclui, a partir do contexto desses trechos do Deuteronômio evocados, que:

‘acrescentar’ às palavras da profecia de João é promover o falso ensino de que a idolatria não é inconsistente com a fé em Cristo. ‘Tirar palavras do livro dessa profecia’ é também fomentar esse ensino enganoso, visto que isso violaria e invalidaria as exortações do Apocalipse contra a idolatria (BEALE, 1998, p.96).

Está bem claro, realmente, que o texto do Apocalipse tem em vista essas palavras do Deuteronômio. Mas o fato de João aproveitar o texto veterotestamentário não impõe ao seu texto necessariamente uma limitação àquele sentido pretendido no Antigo Testamento. As relações intertextuais são dinâmicas, e o sentido deve ser buscado não só no texto evocado, mas também no texto resultante, conforme sua composição, conforme seu contexto (*textual e performático*). Se até mesmo citações literais precisam ser consideradas em seu contexto final, o mesmo vale especialmente para alusões. Além disso, percebe-se pela própria formulação do texto que João fez mais que simplesmente recortar enunciados e uni-los numa justaposição. Ele reorganiza os textos a que alude ao aproximá-los. O acrescentar e retirar das punições entra em jogo com o acrescentar e retirar do discurso. Isso é algo ausente nos textos de que se apropria. Se faz isso na forma, na tessitura das frases, não será surpreendente caso o faça também em seu trabalho com seu sentido.

Anoto, ainda, que a conclusão de Beale provê uma mais tranquila e imediata acomodação do texto a nosso sistema teológico. Afinal, a perda da bem-aventurança eterna se entende melhor se acontece por uma oposição decidida ao ensino da exclusividade de Cristo do que por uma omissão pontual de qualquer uma das palavras. Contudo, uma questão pode ser colocada: Esse sentido alcançado por uma abordagem erudita estaria acessível para os ouvintes reunidos em Éfeso ou Esmirna num domingo do século 1º d.C.? O texto mesmo do Apocalipse, na passagem em questão, nada diz sobre idolatria, e recorta elementos do texto da Torah sem permitir a identificação desse tema. Além disso, é de se perguntar: O alerta contra um ensino deturpado era urgente especificamente para todo aquele “que ouve” o texto nas congregações?

Agora, antes ainda de seguir para a interpretação que dá origem ao presente escrito, e que já começo a assinalar, considero os dois tipos de interpretação comuns para o trecho segundo Koester (2014, p.844-845):

Primeiro, o comentarista aponta para interpretações que se alinham com a pesquisa de Beale, tanto no caminho de reflexão quanto, em grande parte, na conclusão. João estaria convocando a uma obediência plena, e, em especial, à resistência à idolatria, por ele mencionada como problema (cf. Ap 2.14,20). (Anoto, para manter válida minha ressalva há pouco apresentada: A resistência à idolatria não é mencionada no trecho em estudo especificamente, e não é tão simples dela lembrar pelas palavras usadas na alusão, a não ser que o ouvinte seja exímio conhecedor da Torah. João não dá ao ouvinte um auxílio para a compreensão, e o sentido proposto a partir da relação intertextual não é sequer sugerido pelas palavras quando se desconsidera essa relação.)

Em segundo lugar, o comentarista aponta para uma interpretação que não tem em vista a vida da congregação que recebe o Apocalipse e deve obedecer à Palavra em sua integralidade (sem acrescentar ou retirar nada), mas para o texto e sua conservação. Lembro que esse tipo de leitura é comum em textos populares de tom polemista contra o uso de edições críticas do texto bíblico e traduções que não sigam à risca um método de equivalência formal.⁵ Nesse caso, sugere-se que o alerta ao fim do Apocalipse diz respeito a toda a Bíblia, que, tendo sido preservada em sua integralidade como por milagre, está sendo tardiamente adulterada pela crítica textual ou por traduções infieis.⁶

5 Utilizo a muito conhecida oposição entre equivalência formal e equivalência dinâmica, introduzida por Nida em seu livro *Toward a Science of Translating*. Conforme Nida, ao lançar mão da equivalência formal, o tradutor se preocupa em reproduzir ao máximo, no texto de chegada, a forma e o sentido do texto de partida. Por outro lado, “uma tradução que tenta produzir uma equivalência dinâmica em vez de uma equivalência formal é baseada no ‘princípio do efeito equivalente’” (NIDA, 1964, p.159). De certa forma, na prática, essa oposição se aproxima à muito popular oposição entre “tradução literal” e “tradução livre”. Para uma discussão sobre o uso dessa oposição entre equivalência formal e equivalência dinâmica nos estudos de tradução, sugiro RODRIGUES, 1999. Considero importante anotar que nem toda crítica a uma tradução que se fez a partir da equivalência dinâmica precisa dever-se simplesmente à equivalência dinâmica em si. Contudo, essa oposição me parece útil para entender o tipo de crítica a que me refiro aqui.

6 Exemplifico o uso contra traduções que não seguem uma equivalência formal quase palavra por palavra com o seguinte trecho encontrado no blog “Canal do Evangelho”: “Nas 96 vezes em que a palavra hebraica “hinneh” (“eis”, “eis que”, “ora”, etc.) ocorre, os tradutores da NIV americana a extirpam completamente! (e.g. Gn 1.29, 12.11). Devem ter achado que Deus usou um estilo

Esse uso do texto é feito muito cedo, observa Koester, por Irineu de Lyon (século 2º d.C.). O apologista discute a variação de informação sobre o número da besta, entre 666 e 616,⁷ e assevera que quem quer que acrescente ou retire algo da Escritura (τῆς γραφῆς) receberá punição nada leve (*Contra Heresias* V, 30, 1). Não há propriamente uma citação. Mas, de fato, parece tratar-se de uma alusão, em que Irineu remete o trecho do Apocalipse. E ele o faz não como dizendo respeito ao Apocalipse em si, mas à Escritura como um todo.

Koester ainda nos remete à preocupação comum na Antiguidade de que os textos fossem preservados em sua integralidade. Menciona como exemplo a maldição que a *Carta de Aristeias* diz ter sido promulgada sobre quem alterasse o texto da LXX⁸ (*Aristeas*, 311). Observo que mais interessante que o fato de a maldição ter sido pronunciada segundo o relato da *Carta de Aristeias* especificamente,⁹ está na continuação da frase, a qual não é citada por Koester. O autor do documento antigo emite uma opinião sobre a atitude. Segundo ele, agiram bem nisso, “para que sempre se guardasse [a obra traduzida] perene e estável” (ἵνα διὰ παντὸς ἀένναα καὶ μένοντα φυλάσσηται). Percebe-se que o objetivo primordial da maldição não é exatamente que o dano aconteça ao que age mal, mas

inferior, precisa ser “podado”! Escancarado desafio a Ap 22:19!” (<http://canalevangelho.blogspot.com/2018/07/cuidado-com-as-traducoes-biblicas-da.html> Acesso em 10 de fev. de 2023). Em outro site (solascriptura-tt.org/Bibliologia-Traducoes/KJA.bibliaKingJamesAtualizada.Exposta-Helio.htm Acesso em 10 de fev. de 2023), o texto de Ap 22.18-19 é usado para fundamentar, juntamente com outros textos, a afirmação de que “Deus não só a inspirou como também PRESERVOU a Bíblia perfeitamente, jota por jota, til por til!”, e, também, como no exemplo anterior, criticar traduções que não se prendem a um método estritamente formal, com tradução palavra por palavra identificada. 7 Observo que a variante é atestada em manuscritos que nos chegaram. Conforme a NA28, o códice Uncial C e o Papiro 115 trazem 616, este último com caracteres com valor numérico, aquele com o número por extenso. Para uma breve reflexão sobre a existência dessa variante e sua relação com a leitura mais consistentemente atestada (666), cf. WILLIAMS, 2007.

8 A Carta de Aristeias é o mais antigo texto que narra como teria acontecido a tradução da Torah realizada em Alexandria no século 3º a.C. O nome dado a tal tradução, LXX (70 em algarismos romanos), deve-se ao fato de que a narrativa lendária destaca o envio de setenta e dois tradutores de Jerusalém à cidade junto ao Delta do Nilo para a realização da tradução do hebraico para o grego. Observe-se que, se formos estritamente rigorosos, a partir do relato, o termo LXX deveria ser usado especificamente para o Pentateuco (Torah). A tradução dos demais livros do AT para o grego se deu posteriormente e não como empreendimento único. Não obstante, é já comum estender o nome LXX para todo o Antigo Testamento em grego.

9 Koester anota que Filon e Josefo, que também narram a origem da LXX, não mencionam a tradução. Como se verá, o fato de ser ou não histórica a maldição é, para mim, indiferente. Interesse-me muito mais pelo pensamento do autor da *Carta de Aristeias*.

que a má ação não seja levada a cabo por receio da maldição. Faço tal observação, porque essa percepção do autor anônimo é compartilhada em minha interpretação da ameaça de Apocalipse 22.18,19, como se verá. A ameaça previne o malfeito, assegurando sua supressão.

Koester ainda cita Artemidoro, que, na sua *Oneirokritika* (2.70),¹⁰ pede aos *leitores* de seu livro que não acrescentem ou retirem nada de seu conteúdo. A tradução usada poderia me ensinar conclusões apressadas. Eu poderia pensar que “leitores” estaria em oposição a ouvintes aqui, o que favoreceria minha interpretação apresentada a seguir. Porém, um acesso ao texto grego mostra que Artemidoro não se refere exatamente a *leitores*, mas faz o pedido “àqueles que porventura se encontrem” (τῶν ἐντυγχανόντων) com sua obra. Esse detalhe lexical pode parecer pouco relevante, mas, justamente, para minha leitura, importa o papel específico de cada pessoa que se relaciona com o livro. E esse risco (ou “tentação”) que brota de uma leitura apressada do texto do oniromante faz lembrar que toda empreitada interpretativa precisa de cuidado com as fontes, e não somente de fontes. E esse cuidado deve existir tanto para com as fontes que desfavorecem uma hipótese defendida, quanto para com as que parecem favorecê-la.

DOIS INTÉRPRETES LUTERANOS APRESENTAM SUAS CONSIDERAÇÕES

Antes ainda de passar à interpretação que proponho para consideração, julgo conveniente dar notícia do entendimento que pode ser mais comumente conhecido no meio luterano, a partir dos comentários de Rottmann e de Brighton.

Johannes H. Rottmann começa observando que “o verdadeiro autor” do Apocalipse é Jesus Cristo. É a ele que devemos, portanto, atribuir essas palavras de advertência. Quanto ao entendimento de quem estaria em vista, o teólogo afirma:

10 Artemidoro Daldiano foi um intérprete de sonhos que viveu no século 2º d.C. Sua *Oneirokritika* é um conjunto de cinco livros que ensinam justamente a interpretação de sonhos, tanto por um complexo sistema teórico, quanto por uma aplicação mais prática (especialmente os dois últimos livros). Para uma primeira aproximação, sugiro FERREIRA, 2014.

Só Deus conhece a multidão daqueles que acrescentaram e acrescentam, que tiraram e tiram das revelações deste livro. A advertência não atinge somente os incrédulos e ímpios que negaram e negam a totalidade das revelações, mas também a todos que brincam com estas coisas reveladas, acrescentando-lhes suas próprias noções, ou tirando delas coisas que não lhes convém (ROTTMANN, 1993, p.316).

Não fica tão claro como se dá esse acrescentar e tirar que o intérprete tem em mente. É curioso que ele inclua como atingidos pela advertência os incrédulos, que negam as revelações em sua completude.¹¹ Não fica claro, também, por suas palavras, se a própria negação da veracidade das profecias seria exemplo do ato de tirar. Há, ao que parece, uma amplitude muito grande de sentido para acrescentar e tirar no entendimento de Rottmann. Isso parece deixar a ameaça (ou advertência) sem propósito específico.

Se os sentidos de acrescentar e retirar, bem como o destinatário intentado, são amplos, também é amplo o objeto de preocupação:

Essa advertência, porém, não se restringe somente aos falsificadores das revelações de Deus neste livro de Apocalipse. A advertência atinge a todos os falsificadores das revelações de Deus em toda a sua palavra na Escritura Sagrada (ROTTMANN, 1993, p.316).

Como se vê, no que diz respeito ao alcance da ameaça, há um alinhamento, talvez por coincidência, com Irineu e alguns de nossos contemporâneos, como visto. A posição do Apocalipse ao final do cânone certamente tem alguma influência nessa compreensão.

A afirmação final ainda merece destaque: “Somente aqueles que aceitam, pela fé, toda a revelação de Deus e a aplicam para si, (sic.) **terão parte da árvore da vida, da cidade santa e das coisas que se acham escritas neste livro**” (ROTTMANN, 1993, p. 316 – grifo do autor).¹²

11 Curioso, visto que não é sobre esses que o texto fala, o que deve ficar claro pelo texto mesmo e, se não, pela próxima nota.

12 O texto de Apocalipse 22.18,19, é bom dizer, não diz respeito a quem terá direito ou acesso à árvore da vida, mas àqueles de quem esse direito seria tirado no caso do desrespeito diante da advertência. Desde a queda no Éden, as pessoas não têm esse direito de partida. Ele é concedido por Cristo, simplesmente (cf. Ap 22.14). Por isso, é preciso reconhecer que a ameaça aqui estudada não é direcionada aos de fora da fé.

Com essa formulação, temos a solução para o problema da exclusão de alguém da salvação eterna sem que haja clara conexão com a fé. Contudo, podemos ter outro problema surgindo de forma despercebida: os próprios destinatários iniciais do Apocalipse não tinham necessariamente acesso a “toda a revelação de Deus”, no sentido entendido por Rottmann, que aponta para a Escritura Sagrada como um todo. Como poderiam aceitar e aplicar algo que desconhecem? Como poderia, ainda hoje, isso ser exigido de alguém que não tem acesso à leitura das Escrituras como um todo? Não se substitui, assim, a fé em Cristo como suficiente para a salvação por um assentimento a cada detalhe do texto sagrado? Paulo e Silas entregam ao carcereiro desesperado o evangelho de forma breve e contundente: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa!” (At 16.31). É certo que não está tudo aqui condensado e resolvido. Eles lhe expõem verbalmente mensagem de Deus a ele e aos de sua casa (At 16.32). E são, em seguida, batizados (At 16.33). Mas a confiança de coração em Cristo permanece como o fator decisivo para a salvação. Por outro lado, se o entendimento aqui encontrado para esse trecho do Apocalipse for levado às últimas consequências, essa afirmação de Paulo e Silas precisaria ser substituída por horas de exposição das Escrituras, no mínimo, e a posterior observação: “Confia e pratica cada passo desses muitos rolos que lemos contigo (e de outros mais que estão por ser escritos). Então, se de fato o fizeres, serás salvo tu e tua casa!”

Parece desejável que o leitor do comentário de Rottmann tenha como mais presentes na memória o trecho referente a Apocalipse 22.14, onde se lê:

Os que entram pelas portas, os que têm parte na árvore da vida são “aqueles que lavam suas vestiduras” no sangue do Cordeiro, morto por nós no Gólgota. É o Cordeiro, o Filho de Deus, que recebe os que pela graça de Deus nele creram, nas portas do céu. Lá, pela graça de Deus, assiste-nos o “direito à árvore da vida” e viver eternamente no paraíso restituído. Pois onde há perdão dos pecados, lá também existe vida e salvação (ROTTMANN, 1993, p.314).

Parece-me importante essa ponderação para acrescentarmos uma reflexão paralela: se a leitura do comentário pode deixar uma pequena confusão na mente do leitor quanto ao evangelho, será mesmo que é esse entendimento, essa experiência do texto do Apocalipse que se pretendia no século 1º d.C.? Os ouvintes do Apocalipse também se veriam ameaçados de

forma semelhante após o evangelho ser-lhes exposto de forma tão enfática? É esse o propósito do texto, a experiência que intenta proporcionar? Deixo essas indagações como provocação, e passo a outro comentário luterano muito conhecido.

Brighton faz questão de enfatizar que o responsável pelo alerta é o próprio Jesus. Em seguida, observa que não era incomum haver alertas semelhantes para proteção de textos. Menciona a já referida *Carta de Aristeias*. Acrescenta o testemunho de Eusébio, que, para mostrar como os cristãos transmitem sua fé com muito cuidado, remete a Irineu, que, em uma de suas obras, exorta todos os que porventura copiem seu livro a fazê-lo meticulosamente, comparando o que escreve com o manuscrito de origem. Logo, afirma que o alerta do Apocalipse não se limita à questão da transmissão manuscrita, “mas também, de modo mais importante, para não mudar suas palavras com vistas a mudar seu sentido” (BRIGHTON, 1999, p.656).

Essa afirmação de Brighton traz em si um problema que o que segue do seu texto deveria solucionar: no entendimento do comentarista, como se daria esse mudar as palavras do texto com vistas a mudar seu sentido, se não pela alteração do manuscrito? Essa resposta, nós a buscamos no texto.

O parágrafo de onde vem a última citação aqui feita termina com a menção de outros textos bíblicos que alertam para que não se mude ou altere (“change or alter”) as palavras de Deus (Dt 4.2 em destaque, além de Dt 12.32, Pv 30.6 e Jr 26.2).

Surpreendentemente, o parágrafo seguinte, que é o último da parte do comentário dedicada à ameaça, trata do fato de que, embora “se aplique diretamente ao livro do Apocalipse, deve também ser aplicada por inferência a toda a Bíblia, uma vez que o Apocalipse é o clímax e a conclusão do cânone todo, tanto do AT quanto do NT” (BRIGHTON, 1999, p. 656). Para sustentar essa afirmação, Brighton recorre a uma citação de Lenski e a uma aproximação com Gálatas 1.6-9, em que Paulo afirma (conforme sua leitura) que qualquer pessoa que mudasse o evangelho recebido deveria ser amaldiçoada (cursed).

Como o comentarista não explica como se daria aquela mudança de palavras para haver mudança de sentido fora da mudança do texto em uma cópia, só podemos criar a hipótese de que ele pense no ensino oral secundário. Deve ter sido esse o caso acusado por Paulo na carta aos Gálatas, pelo menos. Com uma ou duas frases, a proposta poderia ter

ficado bem estabelecida, de modo que pudesse ser melhor avaliada. Em princípio, encontro em Brighton uma interpretação que 1) aponta para a questão da transmissão manuscrita, mas quer que o entendimento vá além dela, ainda que sem argumento claro ou desenvolvimento, e que 2) aponta para a restrição inicial do alcance ao âmbito do próprio livro do apocalipse, mas quer que o entendimento vá além dessa restrição, lançando mão de algum argumento.

A INTERPRETAÇÃO PROPOSTA: TEXTO, PERFORMANCE E SENTIDO

Procurando ser direto, lembro da informação que o próprio texto dá sobre seu uso inicial, e que o trecho específico da ameaça assinala: 1) O Apocalipse é lido por um leitor e escutado por um grupo de ouvintes. 2) O trecho em questão é direcionado especificamente aos ouvintes dessa leitura comunitária, ao final da escuta.

No contexto dessa leitura comunitária, as palavras que ameaçam alguém que acrescente algo ao livro não parecem dizer respeito a futuros copistas, que poderiam adulterar o escrito. A hipótese presente consiste em que a advertência serviria primordialmente para que o *ouvinte* tivesse segurança de que o leitor leu realmente o que está escrito, não acrescentando ou omitindo nada. A importância do trecho reside na facilidade de manipulação do conteúdo que teria um leitor, que detinha o único exemplar do texto lido.¹³ Com a ameaça de Apocalipse 22.18-19, os ouvintes se asseguravam de que o leitor que acabava de trazer o texto aos seus ouvidos estava ciente das consequências a ele impostas no caso de acrescentar ou omitir algo na leitura.

13 Não faz realmente falta, mas também não custa lembrar: diferente do que acontece em nosso tempo, o acesso ao texto escrito era dificultado pela raridade de manuscritos (inclusive pela óbvia dificuldade de sua reprodução), bem como pela maior presença do analfabetismo na população. No nosso contexto, com alfabetização muito difundida e com texto acessível em diversos suportes a qualquer momento, pode ser necessário um exercício para que se tenha ciência da peculiaridade daquele outro contexto. Obviamente, não é somente uma questão cronológica que há aqui. No século passado, na China, o texto bíblico tornou-se raríssimo em versão impressa, de modo que se dependeu em muito da memória de quem tinha acesso a ele. É plausível que um chinês cristão vivendo esse período da Revolução Cultural chinesa compreendesse esse texto, ou melhor, aproveitasse seu efeito pretendido de modo mais imediato. (Para pensar esse contexto chinês, tenho como referência o relato do líder cristão conhecido por irmão Yun (ZHENYING e HATTAWAY, 2005), o qual, ainda possivelmente marcado por algum exagero, tem certamente ancoragem em fatos.

Ressalto e insisto que é ao ouvinte, a todo ouvinte (παντὶ τῷ ἀκούοντι – Ap. 22.18) que se dirigem as palavras. O efeito pretendido deve ser buscado, então, na relação/reação do ouvinte com o/diante do que se diz. O fato de mencionar somente o ouvinte (a coletividade de ouvintes) e não também o leitor é intencional, especialmente se contrastamos isso com a bem-aventurança do capítulo 1 (Ap 1.3).¹⁴

A diferença entre essa proposta que teço e aquela que entende ser esse trecho um alerta em prol da preservação de ensino e vida condizentes com o Apocalipse está no papel do receptor do texto, isto é, na forma como ele está implicado na ameaça. Segundo aquela leitura, o receptor é exortado a uma ação correta de vivência e transmissão do ensino (especialmente, na leitura mencionada, evitando idolatria) sob ameaça de uma punição severa. Segundo esta outra leitura, o receptor é tranquilizado sobre o fato de que a transmissão que lhe chegou foi correta.

Textualmente, pode favorecer a presente proposta o fato de que o par acrescentar/retirar tem por objeto de preocupação as *palavras*, que não deviam ser seladas por João, que são ouvidas pela congregação (τοὺς λόγους τῆς προφητείας τοῦ βιβλίου τούτου, Ap 22.10,18), e das quais não se pode suprimir nada (ἀπὸ τῶν λόγων τοῦ βιβλίου τῆς προφητείας ταύτης, Ap 22). Aqui, não são mandamentos que estão em jogo especificamente, mas, em princípio, o discurso tal qual tecido por João de Patmos, sob ordem do próprio Senhor. A ação de leitura ou declamação de um texto – assim como a ação de cópia – tem mais proximidade com a expectativa de uma reprodução das *palavras* em sua integralidade, sem qualquer supressão ou acréscimo. Não é sem motivo que um leitor relativamente próximo no tempo, como Irineu, podia pensar que se tratava de aviso para a manutenção das palavras exatas no texto. No caso do ensino secundário ou aplicação à vida que se segue à escuta, espera-se fidelidade a ordens e coerência com o conteúdo. Seria mais esperada uma manutenção da palavra (no singular, indicando algo mais geral, como o ensino todo) do que das palavras (que nos remete à tessitura do discurso). No texto hebraico de Deuteronômio 4.2, por sinal, temos a ordem de nada se acrescentar “à **palavra** que eu vos ordenei” (לֹא תִשְׂבֹּעַ אֶת הַדְּבָרִים אֲשֶׁר אֶנְיָ אֱלֹהֵינוּ יְצַוָּנוּ לֵאמֹר כִּי נִשְׁבַּעְנוּ לֵאמֹר אֲנִי אֵלֹהִים). A LXX usa τὸ ῥῆμα aqui,

¹⁴ Essa aproximação entre dois trechos tão distantes não é inesperada, uma vez que os capítulos iniciais e os capítulos finais do Apocalipse trazem paralelos consideráveis, como se formassem uma moldura para o livro, dando-lhe abertura e encerramento bem marcados.

entendendo justamente que se trata do dito como um todo, e não de itens lexicais, de partes do discurso em sua composição inicial.

Vale considerar também, aqui, o caso de Jeremias 26.2: “Assim diz o Senhor: Fica de pé no átrio da casa do Senhor, e dize a todas as cidades de Judá que vêm cultuar na casa do Senhor todas as palavras (מִן־הַדְּבָרִים לְכָל־תָּא) que eu te ordenei dizer a eles. Não diminuas palavra (דְּבָרִים)”. Aqui, embora não se trate de um texto escrito, mas de palavras ordenadas por Deus aparentemente sem suporte material (sejam audíveis, sejam palavras não proferidas, na forma de pensamento anterior à articulação sonora),¹⁵ são palavras, que devem ser preservadas na transmissão em sua totalidade. Não se trata de integralidade da mensagem enquanto noção, ideia, conteúdo, mas em sua dimensão linguística, textual. A partir da ordem de dizer “todas as palavras”, a ordem de não diminuir “palavra” deve ser melhor entendida como restringindo a supressão de “qualquer palavra” ou “uma palavra sequer”.¹⁶

É possível que o texto joanino tenha aproveitado de Deuteronômio 4.2 a referência a “palavra” e alterado para “palavras” não intencionalmente? Sim. Mas a formulação do texto, com “palavras” em vez de “palavra”, o que o aproxima do referido texto de Jeremias, gera um sentido diverso, uma atenção específica. Por um lado, isso favorece o entendimento de Irineu e dos que atualmente usam o texto para reagirem contra a crítica textual e traduções por equivalência dinâmica.

Por outro lado, esse entendimento simples de que a ameaça diz respeito ao cuidado na reprodução manuscrita desconsidera a situação vivencial da transmissão do texto, isto é, a assembleia de leitura litúrgica, bem como o fato de que a ameaça em si requer atenção especificamente dos ouvintes do texto. Decerto, não parece sensato ter em vista a congregação reunida para ouvir o Apocalipse como uma escola de formação de copistas. Portanto, a compreensão de que as palavras de Apocalipse 22.18-19 visam assegurar o ouvinte sobre a fidelidade da ação do leitor, deixando claro que este está ciente da seriedade e das consequências de sua ação, tem a vantagem de ser bem harmonizável tanto com um dado quanto com o outro:

15 Lembro que a mensagem dada a um profeta pode ter um caráter tão textual que o processo pode ser ilustrado com a imagem de um livro devorado pela pessoa (Ez 3.1-4 e Ap 10.9-11).

16 Embora, diferentemente, também aqui a tradução grega que nos chegou da Antiguidade tenha optado por usar ῥῆμα, sem o artigo, neste caso, seguindo nisso o texto em hebraico.

trata-se de algo direcionado ao ouvinte e trata-se de algo relacionado com a reprodução exata de palavras.¹⁷

Convém lembrar que o texto do Apocalipse procura explicitar e reforçar sua autoridade, deixando clara sua procedência (cf., por exemplo, Ap 1.1,2,11; 10.8-11; 22.6,16). João não escreveu imaginações pessoais, mas revelações da parte de Jesus. O receptor sabe muito bem da importância do discurso que foi escrito e que agora recebe juntamente com toda a congregação, pelos ouvidos. Além disso, no próprio discurso, o autor encontra uma forma de também assegurar ao ouvinte de que a mensagem chega inalterada, íntegra em cada palavra também aos seus ouvidos.

Assim como há um vínculo confiável entre palavras em tinta, João e o Alfa e Ômega, o Cordeiro, há também um vínculo de confiança no âmbito da comunidade, entre as palavras na voz do leitor, o Cordeiro e os ouvintes. O mesmo Jesus que é responsável pela revelação a João, intervém com a seríssima ameaça para que essa revelação não seja deturpada no momento de sua recepção final. A partir desse momento, tudo o que foi antes comunicado por visões e palavras, e que se tornou texto escrito para, em seguida, ser pronunciado em voz alta se traduz em vida no cotidiano daqueles que guardam as palavras da profecia.

É certo que essa leitura fiel em voz alta é importante para que a vida das pessoas da congregação seja vivida a partir da verdade do texto.¹⁸ Ao ouvirem e guardarem aquelas palavras, as pessoas das congregações podem viver com fé, confiança em Cristo e viva esperança, sem esmorecerem em meio a seduções e perseguições da grande Babilônia. Nesse sentido, a leitura fiel e confiável também contribui para a perseverança dos ouvintes e praticantes da Palavra.¹⁹ Os textos evocados da Torah, portanto, não

17 Uma leitura que consideraria esses aspectos em conjunto poderia também dizer que o alerta é para que os ouvintes reproduzam fielmente cada palavra do texto posteriormente. Embora não seja impossível que se trate de algo nesse sentido, não vejo indício no texto de que a assembleia seja entendida como meio de formação de declamadores. As figuras são seguramente de um leitor e vários ouvintes. Parece-me que esse entendimento de que se tenha uma futura declamação em vista nos distancia por demais da segurança dos dados.

18 De alguma forma, por isso também, a leitura do Apocalipse oferece a “água viva” que o versículo anterior oferece (RIOS, 2019, p. 437).

19 O que estou argumentando é que um trabalho infiel do leitor poderia perturbar a vida das pessoas da congregação por não proclamar o que é a verdade. Ler parece ato meramente mecânico, mas a fidelidade ou infidelidade do leitor tem consequências que vão além do detalhe, alcançando a vida das pessoas. A leitura é proclamação. Para ilustrar, volto à interpretação de Irineu. Após afirmar

deixam de trazer algo de seu sentido original para a construção joanina. Apenas seriam alterados em sua funcionalidade, ganhando nova nota de complexidade a partir da colocação do texto em *performance*.

CONSIDERAÇÕES

Uma conclusão esperada para esta breve nota talvez devesse enfatizar a superioridade da leitura proposta. Por um lado, como procurei demonstrar, considerando a transmissão inicial do texto, parece que o efeito do trecho em questão pode ter sido o que proponho. Ao menos, é uma possibilidade razoável e, curiosamente, não considerada. Por outro lado, os textos veterotestamentários evocados, a partir do momento em que são identificados, parecem ter um considerável poder de coerção sobre nossa leitura. Seu sentido parece querer se impor, preservando-se no novo texto que temos diante de nós. Os versículos aludidos não se contentam em ser resto ou ruína, mas almejam ser a casa inteira. Essa força compele inclusive a mim, que proponho outro olhar.

Defendi que o texto mais antigo aproveitado no Apocalipse entra em um novo jogo de sentidos, o que nos dá, em princípio, alguma margem para nos desprendermos de sua força coercitiva. Entendo como real esse fenômeno. Por outro lado, entendo também que, se há uma dificuldade na mera apresentação do fenômeno, muito maior é o desafio de sua compreensão mais completa e descrição densa.

Exemplifico: Um ponto que favorece minha interpretação está no detalhe do direcionamento do alerta feito deliberadamente à atenção dos ouvintes somente, sem mencionar o leitor, figura esperada se atentamos

que há consequências para quem acrescenta ou suprime algo das Escrituras, ele diz ser necessário que aqueles que ensinam o número da besta adulterado voltem ao número correto, “para que não sejam contados na classe falsos profetas” (*ut non in pseudoprophetarum loco deputentur* – *Contra Haereses* V, 30, 2). Ora, se a mudança de um número na transmissão da mensagem faz a pessoa ser como um falso profeta, é porque o resultado de sua obra é desastroso como de tal. [O trecho, como se vê, foi preservado na tradução latina, mas não encontrado em grego. Isso pode suscitar algum escrúpulo sobre possível interpolação. Embora pareça pouco provável, de qualquer forma, vale dizer que, independente de ser da pena de Irineu ou de um tradutor disposto a “acrescentar”, a colocação revela a percepção de um intérprete antigo que se coaduna com a observação que faço, ainda que sua preocupação seja com texto escrito e ensino a partir deste, e não com leitura pública.]

para outro trecho do mesmo livro. Não obstante, alguém pode argumentar que essa referência exclusiva ao ouvinte se deve justamente ao fato de que, no Deuterônomo, o alerta é dirigido a Israel, que, antes, é instado a *ouvir* os mandamentos e juízos (Cf. Dt 4.1). Não figura o leitor ali. A questão intrincada permanece: O que importa mais para a apreensão do sentido do que João escreveu e para a interpretação de suas escolhas na formulação – o aproveitamento do texto mais antigo ou a forma de recepção que ele tinha em mente para seu texto? Antes, é claro, está a pergunta sobre essa ação do que escreve: O que importava para o escrevente na formulação do texto, que já tinha feito questão de mencionar leitor e ouvintes, somente o detalhe do texto aludido ou a situação do povo reunido?

Essa pergunta de dupla face pode nos levar a uma via sem saída. Não temos acesso à mente por trás do texto. O que temos são as palavras, que nem sempre nos respondem as perguntas tanto quanto nos levam a elas.

Por isso, não defendo taxativamente aqui uma leitura contra as demais. Também, não é exatamente o caso (que seria, ainda assim, possível e proveitoso) de apresentar uma leitura ensaiada, mas abandonada, somente para que fique negada a pertinência de se investir nessa hipótese doravante. Apresento uma janela a ser considerada. Reconheço o caráter hipotético da leitura proposta, enquanto, ao mesmo tempo, convido a que se considere também o caráter hipotético das demais. O valor da interpretação desenvolvida, enquanto processo, não está somente na interpretação dada, enquanto resultado.

De resto, peço também eu ao leitor que, em sua mente e eventual relato, não acrescente ou retire nada do que escrevi, tendo em consideração a aparente ousadia, mas também o comedimento deste intérprete e conservo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTEAS to Philocrates. Edited and Translated by Moses Hadas. New York: Harper & Brothers, 1951.
- ARTEMIDORUS. *Oneirocritica*. Crusius: Leipzig, 1805.
- BEALE, G. K. *John's Use of the Old Testament in Revelation*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998.
- BRIGHTON, Louis A. *Revelation*. Concordia Commentary. Saint Louis: CPH, 1999.

EDIDERUNT, Karl Elliger; RUDOLPH, Wilhelm. *Biblia hebraica stuttgartensia*. Editio quinta emendate opera Adrian Schenker. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

FERREIRA, Anise de A. G. D'Orange. *Oneirokritika de Artemidoro de Daldis (Século II d.C.)*: Livros de Análise de Sonhos – Livro V. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

IRENAEUS. *Contra Haereses*. Libri Quinque. Tomus Unicus. Migne: Paris, 1857.

KOESTER, Craig R. *Revelation – A New Translation with Introduction and Commentary (The Anchor Bible)*. New Haven/London: Yale University Press, 2014.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 28.ed. rev. Münster: DeutscheBibel Gesselsachft, 2012.

NIDA, Eugene A. *Toward a Science of Translating – With Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating*. Leiden: Brill, 1964.

RIOS, Cesar M. Anotações sobre a água da vida no Apocalipse: mensagem de vida em um mundo de morte. *Estudos Teológicos*, v.59, n.2, p.430-442, 2019. Disponível em <https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/ET/article/view/273/222>. Acesso em: 10 mar.2023.

RIOS, Cesar M. A árvore da vida no Apocalipse: Manutenção de uma nova vida. *Fronteiras: Revista de Teologia da UNICAP*, v.3, n.1, p.198-221, jan./jun.2020. Disponível em <<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/1602/1434>>. Acesso em: 10 mar.2023.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROTTMANN, Johannes H. *Vem, Senhor Jesus!* Apocalipse de S. João. Porto Alegre: Concórdia, 1993.

VANNI, Hugo. *Apocalipse: uma assembleia litúrgica interpreta a história*. São Paulo: Paulinas, 1984.

WILLIAMS, P. J. P115 and the number of the Beast. *Tyndale Bulletin*, v.58, n.1, p.151-153, 2007. Disponível em <<https://tyndalebulletin.org/article/29233-p115-and-the-number-of-the-beast>>. Acesso em: 21 mar.2023.

ZHENYING, Liu e HATTAWAY, Paul. *O homem do Céu*. Belo Horizonte: Betânia, 2005.